

## SITUAÇÃO DE RUA NO SEMIÁRIDO POTIGUAR

Cleylton Rodrigues da Costa<sup>1</sup>

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN - [cleyltoon@hotmail.com](mailto:cleyltoon@hotmail.com)

Marcos Cesar Alves da Mota<sup>2</sup>

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN - [marcoschess@bol.com.br](mailto:marcoschess@bol.com.br)

**RESUMO:** Este texto faz um estudo sobre as pessoas que vivem em situação de rua na cidade de Mossoró, no semiárido potiguar; suas histórias de vida, suas ligações com a cidade e suas estratégias de sobrevivência. É um texto etnográfico sobre vidas que chamaremos de vidas asfaltadas, vidas que se flexionam e se adaptam no cenário citadino em busca de perdurar no fluxo da cidade. O artigo é resultado de um trabalho de campo de seis meses e uma investigação urbana antropológica a partir do método de observação participante em cinco lugares da cidade com cinco pessoas em situação de rua. Chegamos à conclusão que são pessoas que sobrevivem como flanelinhas, pedintes, cabeceios, prostitutas, diaristas e compõem a cidade trilhando as suas histórias com esperança de viver o dia seguinte. Essas vidas encontram na rua a esperança e os modos de sobreviver na cidade de Mossoró.

**PALAVRAS-CHAVE:** situação de rua; estratégia de sobrevivência; cotidiano.

### INTRODUÇÃO

Antes de definir qual grupo urbano seria estudado, foi preciso fazer alguns procedimentos metodológicos para estabelecer essa definição. Portanto, pensamos a cidade sob um olhar micro, um olhar etnográfico, “*de perto e de dentro*” (Magnani, 2002). Observando minuciosamente, percebemos um grupo social urbano: as pessoas em situação de rua na cidade de Mossoró, interior do Estado do Rio Grande do Norte. Questionando a situação, uma pergunta de partida se tornou mais evidente: quais são as estratégias de sobrevivência das pessoas em situação de rua e como elas se desenvolvem no cotidiano da cidade de Mossoró (RN)? A pesquisa foi guiada por três objetivos, durante o percurso teórico e prático: descobrir quais são as estratégias de sobrevivência das pessoas em situação de rua e como elas são desenvolvidas no cotidiano da cidade de Mossoró (RN); conhecer os fatos que contribuíram para a atual situação e; descrever, a partir dos relatos e observações, a realização do cotidiano dessas pessoas.

<sup>1</sup> Graduado em Ciências Sociais e aluno do Programa de Pós-graduação em Ensino – POSENSINO (UERN/UFERSA/IFRN)

<sup>2</sup> Graduado em História, especialista em questões étnicas e aluno do Programa de Pós-graduação em Ensino – POSENSINO (UERN/UFERSA/IFRN)

Tendo em vista que muitas pessoas mudam de caminho quando visualizam uma dessas pessoas nas calçadas, muitas vezes com medo e incomodadas, você poderá está se perguntando: - Como se deu a aproximação com as pessoas em situação de rua e porque estudá-las? Depois de perceber as pessoas em situação de rua no centro da cidade, foi feita uma caminhada nos locais mais habitados. Como Magnani define, “*Basta uma caminhada pelos grandes centros urbanos e logo se entra em contato com uma imensa diversidade de personagens, comportamentos, hábitos, crenças, valores*” (MAGNANI, 1996, 3). A caminhada foi um passo firme para a construção do trabalho, pois além de nos possibilitar os laços com as pessoas em situação de rua, também percebemos duas categorias de pessoas: as que vivem “da” rua e as que vivem “da” e “na” rua. A pesquisa se desenvolveu com as pessoas que vivem “da” e “na” rua. Diferentemente dessas pessoas, existe outro tipo de adulto que vive da rua e que também se sustenta pelo trabalho, mas, depois de conseguir o necessário para o sustento do dia, ele retorna para sua casa, ou seja, ele não vive em situação de rua, apenas vive dela, mas não vive nela.

Estudar esse modo de viver possibilita um reconhecimento sobre essas vidas que se flexionam no asfalto da cidade. Basta paramos para observar qualquer pessoa dessa situação que podemos perceber o seu movimento cotidiano. O período de observação participante na cidade possibilitou a investigação. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com o auxílio do gravador de voz, e nesta primeira etapa de “olhar” e “ouvir” (OLIVEIRA, 2000), selecionamos cinco pessoas em lugares no centro da cidade: Alto do Louvor, Catedral de Santa Luzia, Mercado Central, COBAL e Museu Municipal. Lugares de maior fluxo e habitação das pessoas em situação de rua. Foram seis meses de experiência e observação. Além das entrevistas semiestruturadas, fizemos anotações em cadernos de campo nas observações para as análises teóricas, como fala OLIVEN:

“É observando os acontecimentos corriqueiros e cotidianos que a antropologia pode construir novas interpretações, uma vez que o trabalho de campo tem um papel central no desenvolvimento da teoria antropológica”. (OLIVEN, 2007, p.14).

A etapa de observação participante foi central para a construção do estudo, um momento lento permitindo contato direto com as pessoas pesquisadas, ou melhor, as vidas asfaltadas apresentadas no presente ensaio.

## **AS VIDAS ASFALTADAS**

**Fernando**<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Todos os nomes, por motivos de privacidade, são fictícios.

**“Estou aqui desde o dia que sai sem rumo”.** Essa afirmação de Fernando faz o antropólogo na cidade se identificar. Como escrevem ECKERT E ROCHA (2001) *“a técnica de etnografia de rua consiste na exploração dos espaços urbanos a serem investigados através de caminhadas <<sem destino fixo>> nos seus territórios”*. Fizemos esse exercício; saímos do entorno na busca dos significados para o presente estudo, como Fernando saiu em busca de sentidos. Fernando é ex-penitenciário e vive “nas” e “das” ruas de Mossoró (RN).

“Quando sai da cadeia passei uns dez anos morando com minha mãe, ela me aceitava em casa e mesmo brigando muito eu não consegui deixar completamente o mundo das drogas, continuava vindo para Mossoró, passava dois a três dias por aqui usando pedra e de boa nas quebradas, mas um dia minha mãe morreu e meus irmãos não tinham a paciência que ela tinha e eu acabei não conseguindo viver com eles”. (Fernando)

As pessoas em situação de rua passam, por um processo de perdas materiais e simbólicas. Nesse caso, Fernando perdeu a sua mãe e em seguida perde o vínculo com a casa, e instantaneamente construiu um vínculo com a rua.

### **Maria**

**“O Alto do Louvor é minha casa”.** Natural de Mossoró (RN), ela sobrevive nesse lugar que também é habitado por outros moradores:

“Eu gosto daqui porque mesmo antes de virar moradora de rua eu já andava por aqui, e quando eu não queria mais morar em casa e não tinha outro lugar para viver foi para esse lugar que eu vim, aqui é um lugar que faz parte da minha vida” (Maria)

O seu contato com o lugar antes de vir morar na rua contribuiu para a construção do seu vínculo, percebemos o alto do Louvor como um lugar antropológico, como fala Marc Augé, um lugar que *“é simultaneamente princípio de sentido para aqueles que habitam e princípio de inteligibilidade para quem observa”*.

Ela passa o dia nas calçadas do Alto do Louvor, de uma para outra com papelão, colchão, bolsa com roupas e objetos, e uma boneca que lembra sua filha. As pessoas em situação de rua necessitam de alguns objetos para melhorar a sua condição, e por isso elas passam o dia procurando plásticos para se proteger da chuva, papelão e colchão para forrar o chão que elas dormem e, quando não tem outras formas de forrar o chão, esse forro é feito com chinelo, bolsas, roupas e papel. Já a ligação que ela tem com a boneca é uma ligação simbólica com sentimento de saudades. Antes de vir para a rua ela perdeu a sua mãe e, com problemas familiares, por causa do uso de drogas, sobretudo o craque, perdeu também a guarda de sua filha.

### **MARIO**

Como ele mesmo diz: **“Eu não confio em quase ninguém, só confio em mim”**. Mario passou por acontecimentos que marcaram a sua vida, e que contribuíram para a atual situação. O primeiro problema foi a morte de seus pais, e o segundo foi o conflito com seus irmãos. As histórias das vidas asfaltadas estão quase sempre relacionadas com a morte de familiares próximos, como os pais, e com conflitos entre irmãos. O segundo acontecimento que desencadeou conflitos familiares foi a herança dos seus pais, que deveria ser dividida entre os irmãos, e ele ficou de fora da divisão. Prejudicado com a decisão, sem parte dos seus bens e com uma relação conflituosa com os irmãos, ele decidiu morar na rua. Ele viveu alguns meses nas ruas da cidade do Natal (RN) e atualmente vive nas ruas da cidade de Mossoró (RN) há dois anos:

Eu vim morar em Mossoró por ser menor e eu também achava que aqui ia ser mais calmo que Natal, só que calmo aqui não é, o bom é que eu me desliguei completamente da minha família e não tenho mais nem chance de ver ninguém. Depois do acontecimento eu não acredito mais em ninguém, eu não confio nem nos meus companheiros de rua, sei lá, ninguém conhece ninguém na hora que o sangue ferve e muito menos quando recebe dinheiro. Eu sou calmo, apesar do meu jeito desconfiado eu não gosto de briga e por isso eu prefiro ficar no meu canto e não procurar briga aqui na rua, se eu brigar com alguém eu vou ficar com inimigo e inimigo na rua não é bom, é ver morrer dormindo. (Mario)

Mario prefere manter a calma, evitando brigas e inimigos na rua para não atrapalhar a sua relação com a cidade, percebemos que viver na rua não é sinônimo de violência e agressividade como também comprovamos nas palavras de NEVES:

O adulto, para sobreviver cotidianamente na rua, deve fazer prova de sua passividade e não periculosidade – caso dos mendigos que teatralizam doença, fome, desolação e que solicitam auxílio pela impotência em assegurar sobrevivência. (NEVES, 1999)

Viver “na” e “da” rua requer uma série de atitudes para que essa sobrevivência se assegure no próximo dia, Mario consegue promover a passividade e a amizade com os outros moradores, limpando os carros que estacionam no Banco do Brasil, Catedral de Santa Luzia e Mercado Central ele passa todo o dia realizando essas atividades.

## **MARCIEL**

**“Eu bebo todos os dias e sem a bebida a rua fica mais difícil de suportar”**. Marciel, sete anos de rua. Órfão de pai e mãe, ele costuma passar o dia entre o Mercado Central, o Museu e em uma Praça em frente ao Mercado da cidade, esses lugares são os seus pontos de viver e trabalhar. Durante os dias da semana ele costuma desenvolver a prática da mendicância. Durante a noite ele costuma limpar os carros que estacionam nas churrascarias próximas ao Mercado Central e, no outro dia logo cedo, ele ajuda nas descargas e nas montagens das barracas ao lado do Mercado em troca de sustento.

Vivendo nas ruas da cidade, ela sempre faz questão de relembrar o seu passado e contar o seu presente:

Eu não tenho mais mãe e eu entrei no mundo das drogas e das ruas muito cedo, desde desse dia eu nunca mais consegui sair, recentemente estavam me chamando para ir pra uma clínica, essa clínica é de uma igreja e eu fiquei meio tentada a ir. Eu tenho muita vontade de sair dessa vida. Antes de morar na rua eu fui professora de catecismo e estudei até o ensino médio. As pessoas nunca olham pra gente aqui na rua e quando olham pensam que somos pessoas más, mas a maldade está nos olhos das pessoas e não na gente, eu não faço mal a ninguém, apenas aprendi a me defender, e se defender é a primeira coisa que temos que aprender na rua” (Nélida)

Ela é faxineira e pedinte, mas em outras ocasiões ela costuma se relacionar com homens no alto do louvor em troca de dinheiro, diversificando seu modo de viver nos lugares da cidade.

## **LUGARES, COTIDIANO E ESTRATÉGIAS DE SOBREVIVÊNCIA.**

No campo, percebi que a situação de rua é um modo de vida tipicamente urbano. Refletindo sobre, descobri que as pessoas que vivem na situação cometem a transformação citada por BURSZTYN, *elas “transformam o espaço público – as rua - em seu universo de vida e de sobrevivência”* (BURSZTYN, 2003, pág. 20). Elas são responsáveis no processo de *fazer cidade*, pois *“são as pessoas que fazem a cidade, os grupos sociais que fazem a cidade e não a cidade que faz a sociedade”* (AGIER, 2011, p. 55). A cidade e as ruas não são fazedores de pessoas, ao contrário. Pode-se notar que as pessoas em situação de rua definem um sentido de trabalho durante o dia, e um sentido de moradia no período da noite ao mesmo lugar. O lugar onde o flanelinha dorme a noite é o mesmo lugar onde limpa e estaciona os carros, percebe-se um lugar com dois sentidos, confirmando a ideia de Magnani das práticas sociais resignificarem os espaços urbanos:

Ruas, praças, edificações, viadutos, esquinas e outros equipamentos estão lá, com seus usos e sentidos habituais. De repente, tornam-se outra coisa: a rua vira trajeto devoto em dia de procissão; a praça transforma-se em local de compra e venda, o viaduto é usado como local de passeio a pé, a esquina recebe despachos e *ebós*, e assim por diante. Na realidade são práticas sociais que dão significado ou resignificam tais espaços. (MAGNANI, 1996, p. 18)

Notamos que Fernando, Maria, Mario, Marciel e Nélida dão sentidos e resignificam lugares no centro da cidade. O mercado central ao mesmo tempo em que é lugar comercial é lugar de moradia para as pessoas em situação de rua. A Catedral de Santa Luzia que é lugar de contemplar a fé, também é lugar de moradia e sobrevivência para outros personagens. O centro da cidade é um lugar matriz de sobrevivência para esses personagens. Ele é uma região de oportunidades de sobrevivência. Algumas das pessoas em situação de rua, como Fernando, Marciel e Mario vivem

nessa região. Já Maria e Nélide vivem em um lugar que denominamos de *pedaço*, chamado Alto do Louvor. No Alto, junto com Maria e Nélide, estão várias pessoas que se reconhecem, se reafirmam e se identificam com o lugar. Nele, estão as pessoas em situação de rua, mas também estão outras pessoas que vão apenas para passar o tempo e se divertir. Prostituição, tráfico de drogas, diversão e sociabilidade narram esse *pedaço*:

Quando o espaço – ou segmento dele – assim demarcado torna-se ponto de referência para distinguir determinado grupo de frequentadores como pertencentes a uma rede de relações, recebe o nome de pedaço. (MAGNANI, 1996, P.13)

O Alto do louvor é frequentado por pessoas que gozam dos mesmos prazeres, e se reconhecem com a familiaridade de comportamentos e práticas de sociabilidade na cidade. Nele, as pessoas em situação de rua se encontram para se divertirem. As pessoas que fazem parte desse pedaço passam o dia migrando para os lugares no centro da cidade, elas perpassam por diversos pontos na busca do que comer, trabalhar e dormir. Caminham por um “*trajeto*” que é feito para chegar até esses lugares:

A cidade, contudo, não é um aglomerado de pontos, pedaços ou manchas excludentes: as pessoas circulam entre eles, fazem suas escolhas entre várias alternativas – este *ou* aquele este e aquele *e* depois aquele outro – de acordo com determinada lógica; mesmo quando a seu pedaço habitual, no interior de determinada *mancha*, seguem caminhos que não são aleatórios. Estamos falando de *trajetos*. (MAGNANI, 1996, p. 21)

Elas seguem *trajetos* que ligam pontos no centro, ou seja, elas ligam na cidade os pontos das estratégias de sobrevivências e os pontos para descansarem e passarem o tempo como o Museu Municipal. Mas nem todas as pessoas em situação de rua do centro de Mossoró são bem recebidas no museu municipal. Há uma relação de *estabelecidos e outsiders* entre elas. Por mais que estejamos falando em pessoas que se encontram na mesma situação (a de rua) há certa diferença de um grupo dessas pessoas para outros. Fernando, Marciel e Mário juntamente com outros colegas, já conhecem toda a gramática social do lugar e fazem questão de enfatizar como deve se comportar no Museu:

O caba tem que ficar de orelha em pé quando chega gente nova na área, eles não podem chegar aqui tomando de conta de tudo, já estamos aqui a mais tempo e se quiser ficar tem que se comportar como a gente. (Mário)

Podemos observar o tratamento que as pessoas estabelecidas do Museu têm para com as recém-chegadas. São tratamentos muito próximos dos que os moradores estabelecidos tinham para com os moradores recém-chegados no estudo de Norbert Elias em Winston Parva. “*Em suma, tratavam todos os recém-chegados como pessoas que não se inseriam no grupo, como “os de fora”*”. (ELIAS, 2000, P.20). O Grupo de pessoas que vivem há mais tempo estigmatiza de modo

depreciativo os recém-chegados no Museu, ele alega que eles são irresponsáveis por fazerem as necessidades fisiológicas no local e outras práticas indesejáveis. As pessoas estabelecidas provam de tudo em seus relatos que o grupo *outsiders* é ruim, “*há sempre algum fato para provar que o próprio grupo é “bom” e que o outro é “ruim”* (ELIAS, 2000, P. 23)”. Se chamássemos todas as pessoas em situação de rua de Outsiders, poderíamos perceber uma nova categoria entre os moradores estabelecidos e os recém-chegados nas ruas de Mossoró: estamos falando de outsiders-estabelecidos (moradores mais velhos) e outsiders-outsiders (recém-chegados). Todas essas relações interferem no modo de viver e sobreviver. Modos de viver e sobreviver na rua foram pontos fundamentais na investigação. Ao ouvir **Nélida** dizer que “*A rua é uma saída*”, confirma-se a interpretação da rua como uma transfiguração para um universo de sobrevivência e não como uma situação de fim, de não ter mais para onde ir. A situação estudada faz com que, as pessoas que estão nela vejam a rua como uma “esperança”. Pois “*vir para as ruas depois de um processo vivido por etapas significa na maior parte dos casos uma esperança*” (ALVIM, 2000, p.15). Nélida vê a rua como lugar de “esperança”.

Um dos paradigmas do pensamento sobre o modo de viver das pessoas em situação de rua que precisamos romper, é que são criminosos e perigosos. Geralmente as pessoas tem medo de cruzar com essas pessoas na cidade, “*Este medo talvez esteja relacionado ao estigma do morador de rua como um criminoso em potencial que pode assaltar, pedir esmola ou violentar quem quer que atravesse o seu caminho*” (MATTOS, FERREIRA, MARCOS, 2004, p.50). O outro é que elas não desenvolvem nenhuma atividade, que são vagabundos e não trabalham. Não encontramos essa realidade no centro da cidade de Mossoró, encontramos diversas sobrevivências como vemos nas palavras *BURSZTYN*, elas “*Sobrevivem da caridade ou de trabalhos eventuais, geralmente em atividades eventuais. São flanelinhas, catadores de papel e de latas, mendigos.*” (BURSZTYN, 231). Esses trabalhos precisam de tempo, força (em alguns casos), disposição e diversas técnicas para serem realizados.

### **PEDINTES, FLANELINHAS, CABECEIOS.**

Estas são estratégias de sobrevivência de grande parte das pessoas em situação de rua em Mossoró(RN), especificamente as pessoas estudadas no período da pesquisa. Percebemos que a cidade para as pessoas em situação de rua é a sua casa e assim as ruas vão ganhando sentidos:

Eu ando no centro da cidade como se estivesse em casa, conheço tudo aqui, o museu é como se fosse meu quarto e o Mercado e a COBAL o meu trabalho”. (Mario)<sup>4</sup>

Quando eu acordo eu dou sempre uma olhada nos pontos que eu tenho para trabalhar, fico um pouco aqui na COBAL, mas vou no Mercado e se lá estiver melhor eu fico por lá. (Fernando)

A maioria das pessoas em situação de rua, do gênero masculino em Mossoró (RN) desenvolve as práticas de flanelinhas. Como diz (BURSZTYN, 2003, p. 241) *“cuidar de carros é também uma das atividades que compõem a cesta de ocupações que asseguram a subsistência dos moradores de rua”*. Percebe-se que esse ato não é o único, outra atividade é a mendicância. Quanto mais diversidade de estratégias de sobrevivência eles se sentem mais assegurados na cidade.

Tem gente que passa aqui e nem olha pra gente, mas ainda tem muita gente boa, eu já ganhei boa grana pedindo, tem dia que não ganho nada, mas tem dia que parece que Deus olha pra nós e o pessoal ajuda, só não vou pedir mais... aceito o que derem, pouco ou muito já serve. Eu fico entre o Banco do Brasil e o Bradesco, a gente reversa e dá tudo certo. Quando não está bom aqui no banco eu vou para os carros, pego os baldes e ajudo os meus colegas nos carros aqui da praça. (Marciel)

Estas estratégias de sobrevivências tem algo em comum, tanto uma como a outra necessitam do fluxo de pessoas nos demais estabelecimentos da cidade, por isso, as duas atividades nos finais de semana mudam de horário. Enquanto na semana os pedintes se fixam nas portas dos bancos e do Mercado, os flanelinhas ficam nas calçadas direcionando e limpando os carros durante todo o dia. Aos domingos eles desenvolvem essa atividade de acordo com o horário das missas da Catedral de Santa Luzia e o fluxo de pessoas nas churrascarias centrais:

Nos domingos o movimento aqui é muito pouco, a gente fica aqui no Mercado entre a Catedral e a Gauchinha<sup>5</sup>, eu aproveito o horário da missa porque tem muitos carros e nesses horários eu posso servir o meu trabalho ajudando as pessoas que vem para a missa olhando os carros. Domingo é mais tranquilo, quase não tem movimento, mas quase não tem trabalho também, é bem facinho da gente morrer de fome (risos), primeiro que o mercado não abre e a gente não pode ajudar pra descarregar as mercadorias, segundo que não tem quase ninguém na rua, a sorte é que tem essa missa de manhã, de tarde e de noite, e assim nesses três horários durante a missa eu vou pra catedral e consigo ganhar uma grana. (Mario)

Enquanto os pedintes ficam geralmente sentados em pontos estratégicos, os flanelinhas transitam com mais intensidade. Percebemos que eles correm atrás dos carros a todo tempo, e quando solicitam que limpem e lavem os carros eles pegam os baldes, onde são cheios com a água do Mercado Central e/ou do Museu Municipal para ajudarem no trabalho. É visível, com a firmação

---

<sup>4</sup> A COBAL é um ponto de comércio popular na cidade onde o fluxo de pessoas em situação de rua é muito grande, lá eles podem ajudar aos comerciantes nas descargas da mercadoria dos comerciantes no começo do dia.

<sup>5</sup> Churrascaria no centro da cidade.

de DELMA, que: “*Para estes, a rua é o lugar de abundância a ser vasculhada, de acolhimento a ser conquistado (DELMA,199, p. 121)*”. Por isso eles correm vasculhando o cenário urbano. Já os cabeceios, precisam de mais força física para realizar essas atividades, eles são responsáveis pela retirada das mercadorias antes dos vendedores da COBAL e do Mercado.

Todo dia que a gente descarrega a mercadoria a gente ganha um dinheiro certo, é diferente de pedir, que vem da boa vontade das pessoas, aqui o dinheiro vem da nossa força e eles precisam da gente pra fazer isso, tem pouco homem para ajudar, a gente sempre ajuda.  
(Mario)

Percebemos que esse modo de sobreviver possibilita uma quantia mais precisa, em relação ao dinheiro recebido, enquanto o flanelinha e os pedintes recebem trocados dos bolsos dos transeuntes, os cabeceios recebem uma quantia de dez reais pela descarga assegurando a sua sobrevivência.

### **FAXINEIRAS E PROSTITUTAS**

Nélida e Maria, que também são pedintes, que vivem no Alto do Louvor, e pelos arredores desse lugar, costumam realizar algumas atividades domésticas nas casas vizinhas. Aqui percebemos uma luta de conquistas urbanas, que são diferenciadas dos homens em situação de rua. As mulheres, diferentemente dos homens, apresentam-se com estratégias de sobrevivência diferenciadas, essa afirmação serve para as outras mulheres em situação de rua da cidade. As atividades domésticas são realizadas no período da manhã, das sete da manhã até o meio dia. Nélida e Maria saem em busca das ruas onde elas construíram vínculo com as moradoras estabelecidas das casas onde procuram comida, objetos e dinheiro. “As minhas amigas são boas comigo, elas conseguem roupas, sabonete, lençol e comida, eu sempre peço para elas e elas conseguem para mim e para as minhas colegas de rua.” (Nélida)

Essa troca de atividades é fundamental para manter a permanência na cidade. Por isso, as mulheres em situação de rua chegam às casas perguntando se precisam de suas ajudas, quando permitem que elas as ajudem, elas fazem as atividades solicitadas pelas outras mulheres. Entre essas atividades a mais comum é a de varrer e lavar as calçadas das casas, becos e faxinas. Em troca, elas recebem café, sabonete, comidas e dinheiro. Porém, nem sempre as mulheres em situação de rua tem acesso a casa, essa interlocução que acontece entre as mulheres das casas e mulheres das ruas são pelas janelas, grades e portões das casas. Elas adentram pouca nas casas, exceto quando são solicitadas a fazer algum trabalho interno e isso acontece por meio de outra rede de relações. Percebe-se que “*a casa define tanto um espaço íntimo privativo de uma pessoa*” (DAMATTA, 1997, p.8), da mesma forma que a rua quando transformada em casa define os espaços íntimos das

pessoas em situação de rua. Não é por acaso, que o lugar que muitas vezes as mulheres frequentam para fazerem relações sexuais são fechadas e/ou afastados.

Nem sempre as mulheres em situação de rua, podem ocupar os espaços interiores das casas vizinhas de onde elas vivem, para efetuarem algumas atividades domésticas, pois “*o interior das casas, reservado às mulheres, é um santuário em que o estranho nunca penetra.*” (DAMATA, 1997, p. 36). Mesmo elas não sendo estranha para as outras mulheres, as mulheres das casas vizinhas ao alto do Louvor ainda passam essa imagem de intimidade de suas casas, e nem sempre suas portas são abertas para as mulheres que habitam nas ruas, por isso suas atividades são realizadas nos lugares arruados da casa, “*assim como a rua tem espaços de moradia e/ou de ocupação, a casa também tem seus espaços "arruados".* (DAMATA, 1997, p.40). São nesses espaços arruados das casas que elas varrem e limpam; são os becos, calçadas, muros, e quintais. Mas da mesma forma que os homens sobrevivem de diversas formas, as mulheres também gozam dessa pluralidade.

Desde que eu moro aqui que conheço todo mundo aqui por perto. Eu tenho minhas formas de ganhar dinheiro também, tenho os meus clientes também (risos) e eles sempre vem à noite e principalmente nos sábados para o casarão, lá no casarão nós nos divertimos e eu também consigo uma prata.  
(Maria)

O casarão é um lugar situado no Alto do Louvor, um antigo cabaré da cidade e atualmente um local de encontros para diversão e práticas sexuais. Uma parte das mulheres em situação de rua do Alto do Louvor costuma marcar encontros no casarão, e outra parte em duas casas ao lado do Alto onde servem como casas de prostituição, essas casas também são bares e os homens que procuram as moradoras as levam para esse lugar

Faz muito tempo que eu frequento as casinhas do alto, desde quando eu não morava na rua, lembro de uma vez que estava atendendo um homem de Baraúna-RN que veio fazer umas compras em Mossoró, era um sábado de manhã, e ele não queria me pagar e ia me deixar sem grana, eu já estava percebendo as coisas diferente ele dizendo que ia no centro e voltava já e eu não sou nem doida não, ia acreditar no que ele estava falando. Sabe o que eu fiz? Esperei ele ir no banheiro, peguei a carteira dele e peguei o que queria, ele fez um show, eu me fiz de vítima, dei um **show sem Bartô**, e disse que não tinha pegado nada, só sei que foi o maior movimento, Dona Ana já vinha ver o que estava acontecendo e mesmo sem ela entrar no quarto eu resolvi o problema. (Nélida)

A casa de dona Ana é bastante frequentada pelas moradoras em situação de rua para essas práticas, lá elas levam os seus companheiros para beber e praticar atividades sexuais em troca de dinheiro. Maria, Nélida, e as outras mulheres em situação de rua do Alto do Louvor, que aderem a essas práticas como estratégias de sobrevivência realizam esses encontros no casarão, arredores do

Alto do Louvor e em casas/bares do bairro. A prostituição é mais uma estratégia de sobrevivência, desenvolvida paralelamente a mendicância e as práticas domésticas, compondo a pluralidade de modos de sobreviver nesse modo de viver tipicamente urbano: a situação de rua.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos chegar à conclusão que essas pessoas não estão em situação de rua por acaso. Desavenças familiares, desconstruções de laços com a casa e a falta de opção de moradia contribuíram para a atual situação. Entretanto, elas encontram na rua um itinerário de estratégias de sobrevivência a serem descobertas, que, como vimos, tem papel ímpar na permanência urbana. São flanelinhas, pedintes, cabeceios, prostitutas, faxineiras, e diversos personagens que nascem na realização cotidiana.

## REFERÊNCIAS

- AUGÉ, Marc. **Não lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Tradução de Maria Lúcia Pereira. Campinas: Papyrus, 2012, 111 páginas.
- AGIER, Michel. **Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos**. São Paulo: Editora Terceiro Nome. 2001, 213 pp.
- BURSZTYN, Marcel (org.). **No meio da rua** – nômades, excluídos e viradores. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.
- DAMATTA, Roberto. **A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. Rio de Janeiro: Rocco. 1997.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O trabalho do antropólogo**. 2ª edição. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora UNESP. 2000.
- ECKERT, C.; ROCHA, A. L. C. **Etnografia de rua: estudo de antropologia urbana**. Porto Alegre: Bancode Imagens e Efeitos Visuais, PPGAS/UFRGS, 2001. 25 f. (Iluminuras; n.44)
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os Estabelecidos e os Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.
- MAGNANI, J. G. C. & Torres, Lilian de Lucca (Orgs.). **Quando o capo é a cidade** in **Na Metropole: textos de Antropologia Urbana**, EDUSP, São Paulo, 1995. p. 1 – 30.
- \_\_\_\_\_. **Festa no pedaço**: cultura popular e lazer na cidade. São Paulo: Hucitec, 1998.
- \_\_\_\_\_. **De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana**. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Vol. 17, nº 49, jun. 2002.
- MATTOS, R. M & FERREIRA, R. F. **Quem vocês pensam que (elas) são? Representações sobre as pessoas em situação de rua**. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822004000200007&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822004000200007&script=sci_arttext). 2004.
- NEVES, DelmaPessanha. **Os miseráveis e a ocupação dos espaços públicos**. Caderno CRH, n 30/31, 1999 p. 111- 134, jan./dez.
- OLIVEN, Ruben GEorge. **A antropologia dos grupos urbanos**. Petrópoles/RJ, Vozes, 1985.
- SIMMEL, Georg. **“A metrópole e a vida mental”**. In: VELHO, Otávio G. (org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro, Zahar, 1973
- VOGEL, A., MELLO, M. A., Santos, C.N.F. **Quando a Rua vira Casa. A apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro**. Rio, IBAM/ FINEP, 1981

